

opusdei.org

# Jesus: porta para o diálogo com a Trindade

Na Audiência dessa semana o Papa Francisco continua com o bloco temático sobre a oração, dessa vez nos falando como “a humanidade de Jesus escancarou a porta do mistério do amor do Pai, do Filho e do Espírito Santo”.

03/03/2021

**Catequese 25: *A oração e a Trindade (1)***

*Amados irmãos e irmãs, bom dia!*

No nosso caminho de catequeses sobre a oração, hoje e na próxima semana queremos ver como, graças a Jesus Cristo, a oração nos abre à Trindade – ao Pai, ao Filho e ao Espírito - ao imenso mar de Deus que é Amor. Foi Jesus que nos abriu o Céu e nos projetou para uma relação com Deus. Foi ele que fez isto: abriu-nos para aquela relação com o Deus Trino: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. É isto que o apóstolo João afirma na conclusão do prólogo do seu Evangelho: “Ninguém jamais viu a Deus: o Filho único, que está no seio do Pai, é que O deu a conhecer” (1, 18). Jesus revelou-nos a identidade, a identidade de Deus, Pai, Filho e Espírito Santo. Realmente não sabíamos como se pudesse rezar: quais palavras, quais sentimentos e que linguagem eram apropriados para Deus. Naquele pedido dirigido pelos discípulos ao Mestre, que temos

recordado frequentemente no decurso destas catequeses, há toda a hesitação do homem, as suas repetidas tentativas, muitas vezes infrutíferas, de se dirigir ao Criador: “Senhor, ensina-nos a rezar” (*Lc 11, 1*).

Nem todas as orações são iguais, nem todas são convenientes: a própria Bíblia atesta o mau resultado de muitas orações, que são rejeitadas. Talvez por vezes Deus não esteja satisfeito com as nossas orações e nós nem sequer nos apercebemos disso. Deus olha para as mãos daqueles que rezam: para as purificar não é necessário lavá-las, quando muito é preciso abster-se de ações malignas. São Francisco rezava: “Nullu homo ène dignu te mentovare”, ou seja, “homem algum é digno de te nomear” (*Cântico do Irmão Sol*).

Mas talvez o reconhecimento mais tocante da pobreza da nossa oração

tenha vindo dos lábios do centurião romano que um dia implorou a Jesus que curasse o seu servo doente (cf. *Mt 8, 5-13*). Sentia-se totalmente inadequado: não era judeu, era um oficial do odiado exército de ocupação. Mas a preocupação pelo servo fá-lo ousar, e diz: “Senhor... eu não sou digno que entres debaixo do meu teto, mas diz uma só palavra e o meu servo será curado” (v. 8). É a frase que também repetimos em todas as liturgias eucarísticas. Dialogar com Deus é uma graça: não somos dignos dela, não temos o direito de a reivindicar, “coxeamos” com cada palavra e pensamento... Mas Jesus é a porta que nos abre para este diálogo com Deus.

Porque deveria o homem ser amado por Deus? Não há razões óbvias, não há proporção... A ponto que em grande parte das mitologias não se contempla o caso de um deus que se preocupe com as vicissitudes

humanas; pelo contrário, elas são incômodas e tediosas, completamente insignificantes. Recordemos a frase de Deus ao seu povo, repetida no Deuteronômio: “Pensa, que povo tem os seus deuses tão próximos dele, como vós tendes a mim próximo de vós”. Esta proximidade de Deus é a revelação! Alguns filósofos dizem que Deus só pode pensar em si mesmo. No máximo, somos nós, humanos, que procuramos conquistar a divindade e ser agradáveis aos seus olhos. Disto brota o dever de “religião”, com o corolário de sacrifícios e devoções a oferecer continuamente para ter como aliado um Deus mudo, um Deus indiferente. Não há diálogo. Jesus estava sozinho, só havia a revelação de Deus a Moisés antes de Jesus, quando Deus se apresentou; só a Bíblia que nos abriu o caminho do diálogo com Deus. Recordemos: “Que povo tem os seus deuses tão próximos dele, como tu tens a mim

próximo de ti?”. Esta proximidade de Deus abre-nos ao diálogo com Ele.

Um Deus que ama o homem, nunca teríamos tido a coragem de acreditar nisto se não tivéssemos conhecido Jesus. O conhecimento de Jesus fez-nos compreender isto, no-lo revelou. É o escândalo que encontramos esculpido na parábola do pai misericordioso, ou na do pastor que vai em busca da ovelha perdida (cf. *Lc 15*). Histórias como estas não poderiam ter sido concebidas, nem sequer compreendidas, se não tivéssemos encontrado Jesus. Qual Deus está disposto a morrer pelas pessoas? Qual Deus ama sempre e pacientemente, sem pretender por sua vez ser amado? Qual Deus aceita a tremenda falta de gratidão de um filho que pede antecipadamente a sua herança e sai de casa a esbanjar tudo? (cf. *Lc 15, 12-13*).

É Jesus quem revela o coração de Deus. Assim Jesus diz-nos com a sua vida até que ponto Deus é Pai. Tam Pater nemo: ninguém é pai como ele. A paternidade que é proximidade, compaixão e ternura. Não esqueçamos estas três palavras que são o estilo de Deus: proximidade, compaixão e ternura. É o modo de manifestar a sua paternidade para conosco. É difícil para nós imaginar de longe o amor com que a Santíssima Trindade está repleta, e que abismo de benevolência recíproca existe entre Pai, Filho e Espírito Santo. Os ícones orientais deixam-nos intuir algo deste mistério que é a origem e a alegria de todo o universo.

Acima de tudo, tínhamos dificuldade de acreditar que este amor divino se dilatasse, chegando até ao humano: somos o termo de um amor que não encontra igual na terra. O Catecismo explica: “A santa humanidade de

Jesus é, pois, o caminho pelo qual o Espírito Santo nos ensina a orar a Deus nosso Pai” (n. 2664). Esta é a graça da nossa fé. Verdadeiramente não podíamos esperar uma vocação mais excelsa: a humanidade de Jesus – Deus fez-se próximo em Jesus – pôs à nossa disposição a própria vida da Trindade, abriu, escancarou esta porta do mistério do amor do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

---

## **Saudações**

Queridos ouvintes de língua portuguesa, a todos vos saúdo e animo a venerar São José, o homem da presença cotidiana discreta e escondida, tomando-O como intercessor, amparo e guia nos momentos de dificuldade, vossos e dos vossos familiares, para que nunca se acabe o óleo da fé e da

alegria, que brota da vida em  
comunhão com Deus!

---

Depois de amanhã, se Deus quiser,  
irei ao Iraque para uma  
peregrinação de três dias. Durante  
muito tempo desejei conhecer aquele  
povo que tanto sofreu; conhecer  
aquela Igreja mártir na terra de  
Abraão. Juntamente com os outros  
líderes religiosos, daremos também  
mais um passo em frente na  
fraternidade entre os crentes. Peço-  
vos que acompanheis esta viagem  
apostólica com a oração, para que ela  
se realize da melhor maneira  
possível e dê os frutos esperados. O  
povo iraquiano está à nossa espera;  
esperava São João Paulo II, que foi  
proibido de ir. Não podemos  
desiludir um povo pela segunda vez.  
Oremos para que esta seja uma boa  
viagem.

.....

pdf | Documento gerado  
automaticamente de [https://  
dev.opusdei.org/pt-br/article/jesus-  
porta-para-o-dialogo-com-a-trindade/](https://dev.opusdei.org/pt-br/article/jesus-porta-para-o-dialogo-com-a-trindade/)  
(09/08/2025)